

ASPECTOS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA ECONOMIA GEO-HISTÓRICA MUNDIAL

Gilmar Alonso Valéro¹
Karina de Lima Andrade Santiago²
Raquel de Lima Vasconcelos França³

RESUMO

Este artigo sustenta como tema *Aspectos da Revolução Industrial na Socioeconomia Geo-Histórica Mundial*. Sobre os objetivos desta pesquisa científica, buscou-se através deste trabalho de pesquisa científica levantar o conceito histórico do que se chamou de Revolução Industrial, evidenciar o pioneirismo da Inglaterra no que diz respeito a estabelecer e estruturar uma revolução industrial, os aspectos positivos e negativos da Revolução Industrial na elaboração da melhoria de qualidade de vida das pessoas ao redor do planeta que cooperam para a destruição do planeta fazendo com que traços de degradação sejam espelhados em todas as direções. A metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa científica foi a pesquisa bibliográfica. Como resultados desta pesquisa constatou-se que a Revolução Industrial trouxe grandes contribuições para o desenvolvimento de uma nova era socioeconômica e também grandes degradações sociais e ecológicas.

Palavras-chave: Industrial. Revolução. Contribuições. Degradação. Ecológico.

INTRODUÇÃO

Este artigo sustenta como tema *Aspectos da Revolução Industrial na Socioeconomia Geo-Histórica Mundial*.

Sobre o problema relativo à Revolução Industrial, sabe-se que a mesma tem sido o grande traço histórico (fatídico) que continua influenciando a socioeconomia geo-histórica mundial. Através desta influência tão marcante e constante, percebe-se que as condições das

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia de Boa Vista (FATEBOV), especialista em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Ministério Fama – FAIFA e licenciado em História pela Faculdade Instituto Consciência. E-mail: prof.gilmar@faifa.com.br.

² Graduada em Teologia pela Faculdade da Igreja Ministério Fama (FAIFA) e licenciada em História pela Faculdade Instituto Consciência. E-mail: jklasanthiago1107@gmail.com.

³ Graduada em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Goiás (UCG); licenciada em História pela Faculdade Instituto Consciência. E-mail: Raquel.provest@hotmail.com.

peças no que diz respeito a qualidade de vida melhorou significativamente. Porém, a Revolução Industrial trouxe junto com esta melhoria o consumo exorbitante ocasionando traços de pobreza em certas regiões do planeta, sem que se deixe de mencionar a destruição iminente através da poluição. Pode-se afirmar que a Revolução Industrial trouxe apenas benefícios ou junto com estes benefícios vieram também o consumo desordenado e a grande e contínua poluição do planeta?

Aprocurou-se firmar como hipótese para a elaboração desta pesquisa científica a proposição de que a Revolução Industrial trouxe grandes avanços para o mundo tais como a evolução das Ciências Contábeis, o avanço na construção da Matemática Financeira, melhoria na qualidade de vida das pessoas em todo o planeta. Mas, a Revolução Industrial não trouxe apenas benefícios. Junto com estes benefícios vieram também o consumo desordenado, a grande poluição de todo o planeta.

Concernente ao objetivo geral desta pesquisa científica, procurou-se evidenciar que a Revolução Industrial foi e continua sendo um grande avanço geo-histórico socioeconômico para o mundo e que não foi somente este grande avanço que trouxe melhoria para a vida das pessoas, mas houve também danos e prejuízos irreparáveis através do extrativismo vegetal e mineral para a alimentação de fábricas e a grande poluição planetária.

Buscou-se através deste trabalho de pesquisa científica levantar o conceito histórico do que se chamou de Revolução Industrial, evidenciar o pioneirismo da Inglaterra em estabelecer e estruturar uma revolução industrial, os aspectos positivos da Revolução Industrial na elaboração da melhoria de qualidade de vida das pessoas ao redor do planeta e evidenciar os aspectos negativos da Revolução Industrial que cooperam para a destruição do planeta fazendo com que traços de degradação sejam espelhados em todas as direções.

Esta pesquisa fez-se necessária devido ao fato de que deve-se criar a ciência e consciência de que todo o planeta terrestre está sendo destruído através da poluição fabril que se alimenta através do extrativismo mineral e vegetal e pelo consumo desordenado a fim de que este estado industrial, isto é, esta Revolução Industrial seja recriada todos os dias e seja sustentada e mantida ao longo dos anos.

1 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: PROCESSO DE GRANDES TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS

Segundo Divalte Garcia Figueira (2005, p. 193) a expressão REVOLUÇÃO INDUSTRIAL designa um conjunto de transformações econômicas, sociais e tecnológicas

que se iniciou na segunda metade do século XVIII na Inglaterra. Em um curto espaço de tempo, estas transformações alcançariam outros países provocando alterações sociais e econômicas continuamente. Em relação ao CAPITALISMO, esta mesma Revolução Industrial estabeleceu e estruturou as condições necessárias para o seu desenvolvimento. Como aspectos do desenvolvimento do Capitalismo e o acúmulo do capital, um padrão de vida extremamente alto passou a fazer parte desta nova realidade principalmente para os detentores da produção e uma intensa transformação nas formas e meios de produzir fazendo com que surgisse a produção em série. Esta mesma forma de produzir, isto é, a forma de produzir em série, mais tarde seria levada para os Estados Unidos da América pelo então empreendedor e engenheiro Henry Ford.

Ainda de acordo com Figueira (2005, p. 194), a Revolução Industrial se mostra como o resultado de um longo processo que teve início na Baixa Idade Média principalmente por causa do resurgimento das cidades e desenvolvimento do comércio na Europa Central. A intenção empreendedora era a importância de lucro e de produtividade voltada para o enriquecimento e para a acumulação, isto é, a mentalidade empreendedora capitalista. Este autor esclarece também que um dos recursos tão fundamentais para o alcance mundial dos vários mercados consumidores e desenvolvimento da Revolução Industrial, foi o surgimento e estruturação das Grandes Navegações nos séculos XV e XVI. Com as Grandes Navegações as atividades econômicas se expandiram e vários territórios foram controlados do ponto de vista econômico. Destes territórios controlados, os europeus levavam riquezas em forma de matérias-primas.

Sobre o pioneirismo na produção fabril, a Inglaterra foi o primeiro país a ter as condições necessárias para este tipo de produção. Para que este marco acontecesse, foi necessário um vasto controle de mercado consumidor, sendo a concorrência com a Holanda, com a Espanha e com a França, contínua e paulatinamente suplantadas. Outro fator que contribuiu para este pioneirismo foi o crescimento da própria população da Inglaterra fazendo com que surgisse uma oferta maior de mão de obra e mercado consumidor interno também, conforme se lê:

O comércio inglês ampliou-se também no plano interno. Durante o século XVIII, a população da Inglaterra cresceu muito, tornando maior a oferta de mão de obra e o mercado consumidor. A ampliação do mercado, por sua vez, estimulou o aumento da produção (FIGUEIRA, 2005, p. 194).

Outro fator que veio a influenciar grandemente para a estruturação do pioneirismo no sistema fabril da Inglaterra foi a acumulação de capital, sendo, neste novo contexto

socioeconômico o conceito de capital todos os recursos utilizados com o objetivo de se obter lucro (dinheiro e equipamentos). Os países que mais tiraram proveitos desta nova Era europeia que cada vez mais se tornou mundial e puderam então acumular capital foram a Inglaterra, a Holanda e a França, conforme se lê:

Em segundo lugar, para o pioneirismo inglês foi importante a acumulação de capital. Entende-se por acumulação de capital todos os recursos utilizados com o objetivo de se obter lucro (dinheiro e equipamentos, por exemplo). Os países que mais concentraram capital na Europa, a partir das Grandes Navegações, foram a Inglaterra, a Holanda e a França, todos ligados ao comércio marítimo, ao tráfico negreiro e à exploração colonial (FIGUEIRA, 2005, p. 194).

Segundo Arruda (1983, p.119), esta transformação social, econômica e tecnológica que recebeu a rubrica de REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, deu-se através de três períodos, os quais são:

1. De 1760 a 1850, a Revolução Industrial se restringiu dentro das fronteiras da Inglaterra. Nesta fase, o desenvolvimento se deu principalmente no que diz respeito à tecelagem.
2. De 1850 a 1900, a Revolução Industrial se deu não mais somente dentro das fronteiras da Inglaterra, mas alcançou a Bélgica, a França, a Alemanha e a Itália, alcançando também, já no final do século XIX, a Rússia, os Estados Unidos e Ásia, neste caso, o Japão.
3. De 1900 até ao fim do século XX e início do século XXI, este período é marcado por muitas inovações, como por exemplo, a automatização da produção para atender o mercado mundial.

Para que a Revolução Industrial passasse por todos estes períodos com desempenho sempre crescente, foi fundamental a abundância de capital e um sistema bancário eficiente que facilitava a obtenção de empréstimos aos industriais, a partir de uma taxa de juros relativamente baixa. A abundância de carvão e de minério de ferro, elementos indispensáveis para a construção de máquinas à vapor, etc., também corroborou muitíssimo para a estruturação e estabelecimento desta nova ordem social chamada Revolução Industrial, segundo acentua Figueira:

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra apresenta ainda outras características que explicam seu pioneirismo na Revolução Industrial, como um sistema bancário eficiente; disponibilidade de matérias-primas, como carvão e minério de ferro; um grupo social formado por empresários empenhados no desenvolvimento econômico (a burguesia); uma ideologia (a

calvinista) que valorizava o enriquecimento e o trabalho (FIGUEIRA, 2005, p. 195).

Com o acúmulo de capital não havia dificuldade para financiar os industriais, porém o problema se concentrava na falta de mão de obra. Para revolver o problema, houve a expulsão dos camponeses das propriedades rurais pela burguesia, forçando-os a se deslocarem para as cidades. A razão desta expulsão foi a grande necessidade de matéria-prima, no caso, a lã para abastecer a produção de tecidos, principalmente as fábricas localizadas nos Países Baixos. Vastas áreas outrora utilizadas para a produção de cereal foram reutilizadas com a finalidade de criarem ovelhas. Estes camponeses que perderam as terras, na verdade, perderam o meio de sobreviver no campo e tiveram de se deslocarem para as cidades se transformando em operários de fábricas, isto é, se transformando em assalariados. Conforme se lê:

O desenvolvimento do capitalismo estimulou os fazendeiros a investirem diretamente na produção agrária. Para ampliar as áreas de cultivo, ocuparam terras onde moravam famílias camponesas. Eles encurralaram as famílias em pequenos pedaços de terra circundados por cercas. Os terrenos eram tão pequenos que os camponeses quase não tinham como sobreviver. A saída para esses camponeses, então, foi buscar trabalho em outro lugar (SCHMIDT, 1999, p. 109).

Portanto, os novos cercamentos expulsaram os camponeses das terras rurais fazendo com que fossem procurar trabalho nas cidades, pois tinham perdido as terras e não podiam trabalhar por conta própria. Com isto, passaram a trabalhar horas e horas seguidas em fábricas em troca de salários pequenos. Muitos artesãos que já não podiam continuar trabalhando em suas pequenas oficinas por já não ter como competir com os grandes industriais, passaram a ser também trabalhadores assalariados (FIGUEIRA, 2005, p. 195).

Com o surgimento desta nova classe de trabalhadores, surgem também os problemas relacionados a uma nova visão escravagista: a imposição do horário e da disciplina do trabalhador, além do aumento da produtividade. Neste novo contexto social, emana o proletariado, isto é, a classe social formada pelos trabalhadores fabris e de transportes. Neste mesmo contexto, surgem também a mão de obra infantil e a mão de obra da mulher. Tanto a mão de obra infantil quanto a mão de obra da mulher recebia menos dinheiro, isto é, recebia um pagamento menor em relação ao pagamento da mão de obra dos homens. Não havia leis trabalhistas como se tem na contemporaneidade e nem limites para o exercício do trabalho. Os industriais impunham jornadas longas de trabalho que chegavam até dezoito horas por dia. Outra condição de trabalho que os proletariados tiveram de enfrentar foi a mecanização crescente da produção. Para os proletariados, um dos fatores causadores do desemprego era a mecanização da produção. Um dos acontecimentos que ilustra bem esta realidade foi a

constante destruição das máquinas pelos trabalhadores entre 1811 e 1812, ficando esta forma de protesto conhecida como Ludismo, conforme expõe Figueira:

As ações de protesto contra as máquinas inventadas para economizar mão de obra já vinham acontecendo na Inglaterra há muito tempo. Mas foi em 1811 que explodiu uma forma mais radical de protesto, o movimento ludista (nome derivado de Ned Ludd, que teria sido um dos líderes). Os ludistas invadiam as fábricas e destruíam a maquinaria, que não só tirava o trabalho dos artesãos como impunha aos operários condições desumanas de trabalho. Os integrantes do movimento sofreram dura repressão e foram condenados à prisão, a deportação e até a forca. Alguns anos depois, os operários ingleses adotaram métodos mais eficazes de luta (FIGUEIRA, 2005, p. 196).

De acordo com Figueira (2005, p. 196) os operários, ao longo do século XIX, se organizaram e passaram a usar a força de sua classe profissional para reivindicar seus direitos e também condições de trabalho mais humanas.

2 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: AVANÇOS TECNOLÓGICOS E CAPITALISTAS

2.1 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Os avanços tecnológicos são bem notórios com o advento da Revolução Industrial. Através da Revolução Industrial a sociedade rural passou para a sociedade industrial. A partir do século XVIII, o fenômeno da Revolução Industrial veio a provocar grandes mudanças nas técnicas e nos instrumentos de trabalho. A instituição indústria passou a ser a nova realidade da Europa tendo como origem e desenvolvimento na Inglaterra. Daí surge a indagação: o que é indústria?

Segundo Maria Januária Vilela Santos (1973, p. 189), Indústria é a transformação da matéria-prima em produtos que são utilizados pelo homem. Esta transformação da matéria-prima em produtos úteis ao homem passou por três formas básicas:

- a) *Artesanato*: é a forma mais simples de produção industrial. Neste sistema, o artesão faz tudo. O tecelão, ao fabricar um tecido, teria que fazer o fio de algodão ou lã, e só depois, tecê-lo fabricando o tecido propriamente dito;
- b) *Manufatura*: nesta segunda forma, um grande número de artesãos se reuniam em um determinado local e cada um deles se tornava especialista em um determinado trabalho. Como exemplo, pode-se citar a fabricação de um sapato. Um dos artesãos era especialista no preparo do couro, outro fabricava apenas os cardaços e outro especialista em costura fazendo com que surgisse o sapato;

- c) *Mecanização*: nesta forma, as máquinas já eram usadas em substituição às ferramentas que eram manipuladas e substituíram também o trabalho humano fazendo surgir uma forma mais complexa da industrialização. Esta forma de transformar a matéria-prima em produtos de consumo também ficou conhecida pela expressão maquinofatura.

O processo de industrialização da Inglaterra era mais complexo e devido a esta complexidade veio a exigir:

- a) Desenvolvimento técnico e científico;
- b) Investimento de grandes somas de dinheiro (capital);
- c) Fornecimento de matérias-primas;
- d) Mercados consumidores para os produtos transformados.

De modo que a partir do século XVIII, a Inglaterra passou a ser um cenário fabril. Este fenômeno conhecido como Revolução Industrial veio a fazer com que mudanças nas transformações das matérias-primas fossem aplicadas e com isto novas técnicas, novos instrumentos e novas ferramentas surgissem. Com o surgimento destas novas técnicas, novas ferramentas e novos instrumentos, os empreendimentos comerciais foram fomentados, a produção se modernizou e foi ampliada, conforme a autora defende: “A partir do século XVIII, o fenômeno da Revolução Industrial provocou uma rápida mudança nas técnicas e nos instrumentos de trabalho, que por sua vez ampliaram os empreendimentos comerciais e aumentaram a produção” (SANTOS, 1973, p. 189).

Conforme Santos (1973, p. 190), todos estes processos de avanço proporcionaram mudanças radicais, isto é, mudanças profundas em toda a sociedade europeia. Os principais traços destas mudanças foram:

- a) A passagem da sociedade rural para a sociedade industrial;
- b) A mecanização (maquinofatura) da indústria e da agricultura;
- c) O desenvolvimento dos transportes e das comunicações;
- d) A expansão do capitalismo, que passou a controlar quase todos os ramos da atividade econômica.

Ainda de acordo com Santos (1973, p. 190), as principais circunstâncias que favoreceram o surgimento da Revolução Industrial fazendo com que a Inglaterra fosse a pioneira são:

- a) A disponibilidade de capitais, resultante do acúmulo de riquezas na Europa, com a expansão marítima e comercial (entre 1400 e 1700), que levou a burguesia a procurar novas atividades para investir seu capital;
- b) Novos mercados consumidores, proporcionando uma procura cada vez maior de produtos industriais, graças à formação dos impérios coloniais e ao aumento da população europeia;
- c) A existência de uma poderosa marinha mercante que trazia matérias-primas e transportava produtos industrializados às mais distantes regiões do mundo.

2.2 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: AVANÇOS CAPITALISTAS

Segundo Santos (1973, p. 191), os avanços capitalistas na Europa a partir do século XIV ao século XVII são bem notórios. Este avanço se deu principalmente por causa da Revolução Comercial. A Revolução Comercial foi a transformação verificada na economia da Europa, a partir do século XV, como decorrência do considerável desenvolvimento comercial da segunda parte da Idade Média e das descobertas do novo mundo.

De acordo com Figueira (2005, p. 192), a Revolução Comercial acelerou o processo de acumulação de capital. As principais características da Revolução Comercial se mostraram sendo as principais:

- a) Ascensão do capitalismo (o capitalismo se caracteriza por um intenso desejo de lucro);
- b) Incremento do sistema bancário;
- c) Criação de companhias regulamentadas que controlavam legalmente as atividades em determinadas áreas;
- d) Surgimento do Mercantilismo.

Segundo Santos (1973, p. 170-172), o Mercantilismo foi uma série de medidas de ordem econômica e política, com as quais os reis procuravam aumentar o absolutismo monárquico e promover a prosperidade do Estado absolutista. As principais características desta série de medidas foram:

- a) Controle estatal de todos os ramos de atividades econômicas e interferência neles participando de maneira direta;
- b) Entendimento por parte do estado que as riquezas de um Estado está condicionada ao acúmulo de metais preciosos;

- c) Exploração das colônias a fim de fornecer às metrópoles matérias-primas e metais preciosos e servirem de mercado consumidor;
- d) Desenvolvimento das marinhas mercantes nacionais, para evitar a utilização de transportes estrangeiros;
- e) Incentivo à produção agrícola e manufatureira, levando o país a bastar-se a si mesmo, evitando depender de outras nações.

Como consequência, houve um maior desenvolvimento capitalista como fruto da evolução rápida das atividades mercantis e ampliação de mercado. O acúmulo de capital e o surgimento de novas técnicas de produção dão origem a Revolução Industrial.

3 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: PROCESSO ACELERADOR DA DEGRADAÇÃO ECOLÓGICA

3.1 TRAÇOS DEGRADANTES CONTEMPORÂNEOS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Através das medidas de ordem econômica e política com as quais os reis procuravam aumentar o Absolutismo Monárquico e promover a prosperidade do Estado absolutista começa todo um processo de degradação econômica, social e ecológica da natureza e de outras culturas que é a transformações de outras nações em colônias fornecedoras de matérias-primas e grandes consumidores (SANTOS, 1973, p. 171) .

Segundo Santos (1973, p. 171), uma das práticas comuns em toda comunidade europeia foi o domínio das colônias que deveriam servir de fornecedoras de matérias-primas e metais preciosos. Este extrativismo de matérias-primas das colônias provocariam um desequilíbrio ecológico e econômico para qualquer uma das colônias, todos os recursos naturais tais como minério de ferro, alumínio, ouro, prata e alguns tipos de pedras preciosas eram extraídos e levados para as metrópoles. Toneladas e mais toneladas de ouro foram levadas para as metrópoles, como por exemplo, a metrópole espanhola em relação às nações das Cordilheira dos Andes (Peru) e o próprio Brasil como colônia de Portugal. A degradação do Brasil do ponto de vista econômico começa com a ideia absolutista europeia como grande fornecedora de metais preciosos e de produtos de origem vegetal como o paul-brasil. Como consequência desse tipo de política, quando o Brasil precisou de desenvolver as estradas de Ferro, principalmente através da pessoa do Barão de Mauá, ele teve que ir à metrópole inglesa e tentar o financiamento para tal empreendimento sendo este pedido negado.

Segundo Figueira (2005, p. 162), os interesses dos espanhóis não eram o território luso-brasileiro. As atenções estavam voltadas para as riquezas do Peru e para as da Nova Espanha (México atual). Os colonizadores transportavam os metais preciosos para a metrópole espanhola e da metrópole espanhola transportavam mercadorias como perfumes, sedas e jóias, etc.. Em meados do século XVII, a produção dessas regiões entrou em declínio e os colonos passaram a se dedicar a agricultura de subsistência. Tais colônias foram empobrecidas economicamente por causa do extrativismo mineral.

Segundo Vicentino (2010, p. 177), o homem do século XXI também é extremamente influenciado pela Revolução Industrial do século XVIII, isto é, o estado no qual se encontra o extrativismo mineral e vegetal que ajuda a alimentar o comércio interno e exterior são ou retratam a continuidade da Revolução Industrial do século XVIII, como afirma Vicentino:

A Revolução Industrial é um tema especialmente significativo para nós, que vivemos num mundo também convulsionado por rápidas e profundas mudanças tecnológicas provocadas pela informática, pela robótica pelas telecomunicações e pela biotecnologia. Da mesma forma, vivemos os desdobramentos socioambientais impulsionados pela Revolução Industrial, especialmente quanto aos crescentes padrões de produção, consumo e urbanização, bem como quanto aos problemas ambientais globais surgidos em virtude das poluições – emissões de gás carbônico e de muitos outros poluentes que produzem o efeito estufa, as chuvas ácidas e a destruição da camada de ozônio (VICENTINO, 2010, p. 177).

A humanidade do século XXI está extremamente inserida em um contexto pós-revolução industrial do século XVIII do qual a mesma não consegue sair, a não ser, com muita determinação e, primeiramente, com a criação de um novo sistema sócioeconômico que seja capaz de superar em qualidade de vida atual.

3.2 CLASSE DE PROLETARIADOS COM NOVA IDENTIDADE

A massa de proletariados do século XXI é tão imensa que não há como se comparar com aquela da Europa do século XVIII. Assim como a classe operária do século XVIII estava exposta a horas e horas de trabalho desgastantes e sem nenhuma garantia previdenciária, permitindo fazer parte deste contingente crianças e mulheres expostos aos riscos de acidentes de trabalho, por um certo ângulo, este mesmo contingente dispunha de frentes de trabalho, embora mal pagos, ao passo que o contingente de proletariados do século XXI não dispõe tanto assim de frentes de trabalho e mesmo com a garantia de salário e previdência, não existe segurança real. Há também riscos de acidentes extremamente graves, pois não se fala de acidentes com maquinários apenas, mas se fala de acidentes causados por agentes químicos,

nucleares que podem matar de imediato ou deixam sequelas por toda a vida, como propõe Vicentino:

Os padrões de produção e consumo gestados ao longo dos últimos séculos passaram a redefinir, cada vez mais profundamente, tanto o estado das águas, do ar, dos solos, da fauna e da flora quanto as próprias condições históricas da existência humana; seus espaços de moradia e de trabalho, seus fluxos migratórios, as situações de saúde e morte. Por conseguinte, é histórica a relação entre riscos industriais, meio ambiente e saúde das populações, que muda com as feições das diferentes formas civilizatórias. Nas sociedades industriais contemporâneas tal relação de historicidade mostra-se particularmente forte e perceptível quando são focalizados ramos industriais poluentes em demasia, como o petroquímico, o químico e o nuclear (VICENTINO, 2010, p. 177).

Segundo Tomazi (2010, p. 69), a sociedade salarial do século XXI está longe de acabar. Esta mesma sociedade é cada vez mais massacrada não só pelo terror e pavor da perda do emprego, mas também pelo carrasco da baixa remuneração. A situação ainda é mais grave quando se percebe que mesmo tendo emprego e previdência, ainda que nestas condições, não significa segurança; pois, na verdade, baixa remuneração, perdas do emprego e cada vez menos frente de trabalho, significam mais e mais transtornos sociais e individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que houve o pioneirismo da Inglaterra em relação às transformações socioeconômicas no século XVIII e que os fatores que influenciaram grandemente para esta realização foi o acúmulo de capital e o desenvolvimento das Grandes Navegações. Com estas transformações socioeconômicas surgiram problemas sociais gravíssimos como a mão de obra infantil, a perda de terras para cultivo próprio por parte dos camponeses, jornadas abusivas que chegavam até dezoito horas por dia, pequenos artesãos que passaram a ser assalariados e por causa da mecanização das indústrias, muitos acidentes gravíssimos aconteceram sendo que estes que sofreram tais acidentes não tinham garantias trabalhistas.

A produção que antes era totalmente manual, passou a ser feita através de máquinas cada vez mais eficientes fazendo com que a transformação de matéria-prima deixasse de ser manufaturada e passasse a ser maquinofaturada. Com esta nova técnica, grandes somas de dinheiro foram investidas e mais e mais mercados consumidores teriam de ser conquistados. Além disso, a passagem da sociedade rural para a sociedade industrial causou um profundo descontrole na qualidade de vida das pessoas ex-ruralistas que passaram a ser proletariadas.

Outro aspecto digno de destaque foi o acúmulo de capital não no sentido de uma distribuição social, mas um aglomerado de recursos financeiros nas mãos dos industriais.

Percebe-se, assim, que a degradação do planeta terra tem suas origens já de longa data, principalmente a partir do desenvolvimento das Grandes Navegações com as quais vieram as possibilidades da colonização. Fez-se notório também que o homem do século XXI é extremamente influenciado pela Revolução Industrial nos aspectos de fomentação do crescimento da classe proletariada principalmente em países subdesenvolvidos. O extrativismo mineral e vegetal visando lucros cada vez maiores sem uma reflexão levando em conta o conceito de habitat (cenário natural do homem) e a classe proletariada exposta a risco de acidentes bem maiores por causa de poluentes de alto risco como o petroquímico, o químico e o nuclear.

Através da bibliografia selecionada, os objetivos propostos foram alcançados e a ostentação dos benefícios oriundos da Revolução Industrial no que diz respeito a produção em grande escala, a produção em série, o alcance de maior número de pessoas, em especial, através das indústrias farmacêuticas e produtoras de gêneros alimentícios tendem a ser bem-vindos; pois evidencia-se que através destes benefícios a qualidade de vidas de milhares e milhares de pessoas melhorou. Por outro, a degradação da natureza e exploração de pessoas como se fossem máquinas de produção e não seres pensantes fazem com que os industriais modernos possam repensar o modo de produzir e operar a fim de que estes benefícios não sejam tão temporários e logo em seguida venha a degradação total do planeta.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Robson de Andrade. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ática, 1982.
- ARRUDA, José Robson de Andrade. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Ática, 1983.
- FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. São Paulo: Ática, 2005.
- SANTOS, Maria Januária Vilela. *História Geral*. São Paulo: Ática, 1973.
- SCHMIDT, Mario Furley. *Nova História Crítica*. São Paulo: Nova Geração, 1999.
- TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia para o Ensino Médio*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- VICENTINO, Cláudio. *História Geral e do Brasil*, volume 2. São Paulo: Scipione, 2010.